

# 35 anos depois de Abril, a escola ainda não acabou?

## Três alunos de Penacova cumprem serviço comunitário após manifestação na escola

André Jegundo

Jovens de 18 anos foram constituídos arguidos pela eventual prática do crime de coacção após terem tentado encerrar a escola a cadeado

Três alunos da Escola Secundária de Penacova vão cumprir 20 horas de serviço comunitário por terem tentado encerrar a escola a cadeado durante uma manifestação contra o Estatuto do Aluno, em Novembro passado. Os estudantes, agora com 18 anos, foram constituídos arguidos pela eventual prática do crime de coacção e por proposta do Ministério Público (MP), com a concordância dos próprios, vão prestar serviço comunitário de modo a evitar uma possível acusação e condenação.



Os estudantes tentaram encerrar a escola a cadeado

Centro de Observação de Goulbiza, onde ontiveram presença pela primeira vez. O caso remonta a 1994, quando Eduardo se preparavam o portão da escola a cadeado de uma manifestação do Aluno. Uma patrulha da GNR que se encontrava no local impediu-os de encerrar a escola e os estudantes acabaram por ser identificados. "Não chegámos a colocar o cadeado porque a GNR falou connosco e disse-nos que, se o fizéssemos, poderíamos ter problemas", refere Gonçalves.

crime de coacção por terem tentado encerrar a escola", revela Patrícia Luís, advogada de um dos estudantes. Os três alunos foram constituídos arguidos pelo crime de coacção por terem tentado encerrar a escola", revela Patrícia Luís, advogada de um dos estudantes. Os três alunos foram constituídos arguidos pelo crime de coacção por terem tentado encerrar a escola", revela Patrícia Luís, advogada de um dos estudantes.

acção é punível "também na forma tentada".

Os advogados que representam os estudantes aconselharam-nos a aceitar a proposta de suspensão do processo formalizada pelo MP de modo a evitar uma eventual acusação. Ilda Simões, advogada de dois dos estudantes, defende que esta foi a "melhor forma" de terminar o processo. "Julgo que é uma forma didáctica de lhes mostrar que têm o direito de se manifestar e de fazer greve mas que não podem impedir os outros de entrar na escola, como pretendiam naquele dia", defende. Opinião diferente têm os pais dos alunos, que dizem não compreender por que razão os estudantes têm de cumprir serviço comunitário se "não praticaram qualquer crime". Paula Bernardes e Pedro Santo, mãe e pai de dois dos alunos envolvidos, defendem que o caso devia ter sido resolvido "dentro da escola, no âmbito de um processo disciplinar e não através de um processo judicial", posição defendida pela associação de pais da escola que ontem emitiu um comunicado a criticar a actuação da justiça.

Também ontem a Confederação Nacional Independente de Pais e Encarregados de Educação (CNIPE) "condenou" a situação em que os três estudantes estão envolvidos, defendendo que se trata de um caso "grave, que atenta contra a liberdade de expressão". Maria José Viseu, presidente da CNIPE, com Luisa

In Público, 23 de Abril de 2009

A escola ainda não acabou, mas a alguns dias da celebração dos 35 anos do 25 de Abril, dois jovens vão cumprir 20 horas de serviço comunitário por terem tentado encerrar a escola a cadeado durante uma manifestação contra o Estatuto do Aluno, um assunto que lhes diz directamente respeito. A situação é tanto mais grave, quanto o fazem por um assunto que respeita à escola, à porta da escola, onde se deveria praticar a democracia e a liberdade. Deveriam existir órgãos representativos que efectivamente permitissem os alunos expressar as suas opiniões sobre diversos assuntos da própria escola, nos quais são os principais envolvidos.

Ressalve-se que todos estamos de acordo que a lei deve ser aplicada e a justiça deve funcionar, mas como é referido num dos blogues que comenta a notícia «Três alunos de Penacova cumprem serviço comunitário após manifestação na escola» do Público de 23 de Abril de 2009:

É preocupante a contrastante facilidade e celeridade com que a justiça portuguesa julga os «pequenos casos» ou os «casos dos pequenos» quando comparada com a complexidade e morosidade dos «grandes ca-

sos» ou dos «casos dos grandes!» Por muito que a lei deva ser cumprida, a lei também deveria ser cumprida por todos. Mas a principal acção adulta sobre as crianças e jovens é pedagógica e não punitiva (...)

Como diz a canção de Jorge Palma, a escola ainda não acabou, mas está a perder a capacidade de resolver os seus problemas. Há sempre tanta matéria a estudar, como se os outros assuntos não tivessem qualquer interesse. Como se a escola também não fosse um espaço de educação, de reivindicação de direitos e do direito à manifestação. A GNR educou: «Não chegámos a colocar o cadeado porque a GNR falou connosco e disse-nos que, se o fizéssemos, poderíamos ter problemas», refere Gonçalves. E a escola? O que fez a escola? A escola não são os alunos?

Já consigo filosofar  
Sei uma ou duas palavras em grego  
Enquanto o tempo deixar  
E a escola não se afundar  
Vou alterando o meu ego

Helena Amaral  
Paulo Dias

### A Escola

Eu nasci lá para os lados do rio  
Passava os dias a jogar à bola  
Mas eu não era excepção  
E antes que desse por isso  
Já estava na escola

O programa elementar  
Entre o Euclides e o Arquimedes  
Mas sempre que a informação  
Dá uma volta no espaço  
Eu quero sintonizar

A escola ainda não acabou  
Há sempre tanta matéria a estudar  
Que eu chego mesmo a ter medo  
De em qualquer momento  
Já não ter lugar  
Já não ter lugar  
Para mais conhecimento

Já consigo filosofar  
Sei uma ou duas palavras em grego  
Enquanto o tempo deixar  
E a escola não se afundar  
Vou alterando o meu ego

Vou deixando as moscas pairar  
Vou vendo se o Godot já chegou  
E quando me dá na tola  
Dou um chuto na bola  
Só para me aliviar

A escola ainda não acabou  
Há sempre tanta matéria a estudar  
Que eu chego mesmo a ter medo  
De a qualquer momento  
Já não ter lugar  
Já não ter lugar  
Para mais conhecimento

A escola ainda não acabou  
Há sempre tanta matéria a estudar  
Que eu chego mesmo a ter medo  
De a qualquer momento  
Já não ter lugar  
Já não ter lugar  
Para mais conhecimento  
Mais conhecimento

Jorge Palma, 1989